

# MACHADO DE ASSIS EDUCADOR:

considerações a partir de  
Schopenhauer e Nietzsche

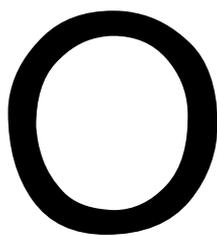
VITOR CEI - Doutorando em Literatura Comparada na UFMG, bolsista FAPEMIG.  
vitorcei@gmail.com

**Resumo:** Arthur Schopenhauer, em *Sobre a Filosofia Universitária* (1851), Friedrich Nietzsche, em *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872) e Machado de Assis, em *Teoria do medalhão* (1882), exercem uma crítica corrosiva às estruturas culturais do século XIX. Alvejando a filosofia universitária do seu tempo com riso zombeteiro, eles mostram de que modo as ideias eram transformadas em signo material de distinção, anulando qualquer potencial reflexivo. A partir de uma leitura comparativa dos três autores, nosso objetivo geral é identificar as tendências que ainda hoje conduzem ao enfraquecimento da cultura e do sistema educacional. A leitura da obra machadiana há de apontar para as possibilidades abertas ao pensamento filosófico pela literatura.

**Palavras-chave:** Educação. Humor. Universidade.

**Abstract:** Arthur Schopenhauer, in *Über die Universitätsphilosophie* (1851), Friedrich Nietzsche, in *Über die Zukunft unserer Bildungsanstalten* (1872) and Machado de Assis, in *Teoria do Medalhão* (1882), criticizes the education system and the cultural structures of the nineteenth-century. Attacking the university philosophy of their time they show how the ideas were transformed into material signs of distinction. This question is analyzed from a comparative reading of the three authors. The main objective is to identify trends that still lead to a weakening of the educational system. The reading of Machado's books can indicate the possibilities opened to the philosophical thinking by the literature.

**Keywords:** Education. Humor. University.



teor filosófico inerente à obra de Machado de Assis ocupa, desde o início de sua recepção, os leitores críticos. Tendo em vista que o campo recepcional da obra machadiana é o mais amplo da literatura brasileira, nessa tentativa de encontro do literário com o filosófico a profícua fortuna crítica machadiana percorreu diversos caminhos e alcançou diferentes respostas. De minha parte, proponho uma breve interlocução entre a ficção de Machado de Assis e as filosofias de Schopenhauer e Nietzsche, reivindicando a possibilidade de uma comunicação entre as respectivas estruturas conceituais com a literatura machadiana.

Vou limitar-me a comentar alguns pontos em comum entre o conto *Teoria do medalhão* (1882) e o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), que satirizam a educação no Brasil, com as críticas que Arthur Schopenhauer, em *Sobre a Filosofia Universitária* (1851), e Friedrich W. Nietzsche, em *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872), fazem ao sistema educacional da Alemanha no século XIX.

Pretendo fazer aqui somente algumas considerações sobre os argumentos refutativos que os três autores apresentam nas obras supracitadas acerca das estruturas culturais do século XIX. Tendo em vista que essa problemática levanta várias questões que não poderão ser respondidas nos estritos limites deste artigo, gostaria de esclarecer que o presente estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que desenvolvo em meu doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG.

Inicialmente, vale ressaltar que o tema em questão exige um recorte metodológico dentro da ampla problemática das relações recíprocas entre literatura e filosofia. Em tal recorte não colocarei de antemão uma proposição normativa sobre as diferenças e os domínios respectivos dos discursos literários e filosóficos, o que me demandaria um tempo de exposição que extrapola os estritos limites deste texto.

Filosofia e Literatura são, sem dúvida, dois gêneros discursivos distintos entre si e diferentes de outros gêneros discursivos em vigor, como, por exemplo, o científico e o religioso. A propósito, Jeanne Marie Gagnebin observa que uma abordagem bastante comum da problemática filosofia/literatura consiste em analisar a presença de teorias ou de doutrinas filosóficas na obra de um escritor ou de um poeta:

[...] por exemplo, a presença de Spinoza em Goethe, de Schopenhauer ou Bergson em Proust, de Adorno ou Nietzsche em Thomas Mann, de Heidegger em Clarice Lispector. Não nego o interesse dessas análises quando apontam para a elaboração estética de elementos históricos singulares, retomados e transformados pela escritura literária. Mas trata-se, então, de também mostrar como se dão, na obra literária específica, tal retomada e tal transformação, isto é, não só quais “conteúdos filosóficos” estão presentes ali, mas como são transformados em “conteúdos literários”<sup>1</sup>.

Simplesmente analisar a presença de Schopenhauer e Nietzsche na obra de Machado seria reducionista e poderia gerar mal-entendidos. Uma interpretação que busque a simples aplicação

1 GAGNEBIN. *Lembrar escrever esquecer*, p. 201.

instrumental de conceitos filosóficos na análise de obras literárias só poderá levar à constatação de que nas obras ficcionais os conceitos filosóficos não correspondem às suas fontes.

Benedito Nunes, auto-declarado híbrido de crítico literário e filósofo, ensina que não se deve aplicar a filosofia ao conhecimento da literatura, na tentativa de uma pretensa crítica filosófica, tampouco se deve fazer da literatura um instrumento de figuração de teorias, reduzindo o exercício crítico à paráfrase do pensamento de filósofos. Sob o foco prioritário da estrutura narrativa da obra literária, ele propõe a busca da verdade da obra enquanto ficção: “Nada melhor do que o seu *modus operandi*, o seu *como*, para nos dar uma ideia da exigência de verdade que a norteia”<sup>2</sup>. Nesse sentido, não proponho a simples aplicação instrumental dos conceitos dos filósofos na análise da ficção machadiana.

Vale observar que conforme os autores da obra *A Biblioteca de Machado de Assis*<sup>3</sup>, o escritor carioca leu diversos filósofos da tradição, como Pascal, Montaigne e Schopenhauer, mas não conhecia seu contemporâneo Nietzsche. Tendo isso em vista, busco analisar as ressonâncias e dissonâncias entre os três autores em foco, com ênfase na diferença que o texto machadiano consegue inaugurar, distinguindo-o dos seus contemporâneos europeus.

\*\*\*

Machado de Assis, atento à vulgarização do ensino de Filosofia em sua época, abordou o problema em tom cômico, de modo crítico e irônico, contrastando seu enfoque com a gravidade da tradição filosófica. Com a sua “Teoria do Medalhão”, conto da obra *Papéis Avulsos*, ele mostra a nulidade do pensamento na sociedade. O conhecimento ocupava o lugar de objeto para o riso:

Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. [...] Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado<sup>4</sup>.

O escritor estava atento à feição ornamental da filosofia no Brasil de sua época, quando estavam em voga vários sistemas filosóficos, como positivismo, monismo, evolucionismo, liberalismo, racismo, dentre outros, todos vinculados às “ideias fora do lugar” identificadas pelo crítico Roberto Schwarz<sup>5</sup>. A importação dessas ideias resultou em anulação do potencial reflexivo, restando apenas a

2 NUNES. *No tempo do nihilismo e outros ensaios*, p. 198.

3 Cf. JOBIM. *A biblioteca de Machado de Assis*.

4 ASSIS. *Obra completa, em quatro volumes: volume 2*, p. 272.

5 Cf. SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, 2007.

sedução dos ornamentos.

Machado de Assis foi mestre em reiterar o deslocamento das nossas ideias fora do lugar em nível formal, revelando o desacordo que havia no Brasil entre as teorias, ideologias e o contexto no qual estas se inseriam: “[...] um latifúndio pouco modificado viu passarem as maneiras barroca, neoclássica, romântica, naturalista, modernista e outras, que na Europa acompanharam e refletiram transformações imensas na ordem social”<sup>6</sup>.

Enquanto na Europa os diferentes estilos de época nas artes e correntes na filosofia apresentam conexões internas com a realidade histórico-social na qual se inserem, no Brasil as condições materiais, históricas e políticas não influenciam as ideias e tampouco são transformadas pelas mesmas. Feita supérflua, as diferentes teorias servem para enfeitar, não para esclarecer.

Com o predomínio da cultura livresca, as ideias eram transformadas em signo material de distinção. A adesão às perspectivas intelectuais dos grandes centros e de seus nomes de prestígio, com seus projetos modernizadores, na maioria das vezes era fruto do fascínio que visava apenas a reconhecimento e engrandecimento intelectual.

Raymundo Faoro indica que a filosofia era o verniz que ilustrava as mesquinhas ambições e interesses pessoais, disfarçados de universais. A retórica caricatural dos chavões e frases feitas servia de instrumento frágil e lúcido para a conquista e a manutenção do poder: “Inevitável, no quadro sem autenticidade das ideias e programas, a retórica em lugar do estudo das realidades, a teoria em lugar do conhecimento empírico, os chavões parlamentares em lugar do pensamento, da reflexão”<sup>7</sup>.

Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, identificou a estreita ligação entre nossa tendência ao saber ornamental e a permanência do *ethos* aristocrático para o qual o saber era apenas verniz, não instrumento de conhecimento e ação:

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. É que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e ação<sup>8</sup>.

Pode-se dizer o mesmo das teorias de Brás Cubas e Quincas Borba, personagens que trazem a Filosofia como exemplo de completa loucura. O próprio defunto autor, por ironia, caracterizou seu livro de memórias como obra “[...] supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona [...]”<sup>9</sup>.

Em diversos capítulos de *Memórias póstumas de Brás Cubas* a filosofia ocupa a função

6 SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 25.

7 FAORO. *Machado de Assis*, p. 185.

8 HOLLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 991.

9 ASSIS. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 1, p. 629.

de verniz intelectual, sendo um recurso para conceder aparência de veracidade e erudição à narrativa do defunto autor. Os seguintes títulos de capítulos são exemplares: “A idéia fixa” (IV), “Razão contra sandice” (VIII), “O filósofo” (CIX), “Filosofia das folhas velhas” (CXVI), “O Humanitismo” (CXVII) e “Filosofia dos Epitáfios” (CLI). Nas palavras de Benedito Nunes: “É antes de mais nada um pensamento que ri da filosofia, coisa rara entre filósofos de vocação e profissão”<sup>10</sup>.

Para Brás Cubas, um rentista da Corte que ganhou de berço fortuna, certo poder e o título de “doutor”, o diploma de bacharel era mero status social. O estudo universitário era válido por seu caráter ornamental, pois, numa nação de analfabetos, propiciava insígnias de poder e nomeada: o título de doutor ou bacharel, o diploma e o anel de grau. Este caráter é confirmado por Brás:

Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dous de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação...<sup>11</sup>

Benedito Nunes observa, nesse sentido: “Machado, que não foi filósofo, alveja a filosofia com riso zombeteiro ou irônico no conto, no romance e até mesmo na crônica”<sup>12</sup>. E a ironia machadiana se alimentava do vaivém entre o oficialismo e o desvio brasileiro da norma. Mas é importante deixar claro que a nulidade do pensamento filosófico no século XIX não era característica exclusiva da sociedade brasileira:

É claro que o Brasil não tem um controle monopólico sobre o tipo do medalhão. A figura aparece em sociedades onde há fortes divisões de classes, quando elas fomentam a ascensão, mas dão recursos escassos para o aproveitamento das oportunidades. As condições de uma ex-colônia são perfeitas para tal mentalidade, e o medalhão tem ressonância no Brasil em função desta herança<sup>13</sup>.

O medalhão é um tipo que se expressa na maioria dos personagens de Machado que alcançam prestígio social. Mas poucos anos antes, no coração da Europa, um ilustre filósofo se preocupava com os medalhões que participavam da vida acadêmica na Alemanha. Em 1822, Georg W. F. Hegel, docente da Universidade Real alemã e antagonista de Schopenhauer, apresentou um relatório ao *Ministério Real de Assuntos Médicais, Escolares e Eclesiásticos* no qual analisa a práxis realizada nos liceus (estabelecimentos de ensino secundário) e Universidades e constata que estudantes “totalmente desprovidos da maturidade requisitada” e “sem a preparação requerida para o estudo da Filosofia” são aceitos na Universidade. O filósofo questiona a rotina universitária da qual ele participava como funcionário público:

10 NUNES. *No tempo do niilismo e outros ensaios*, p. 132.

11 ASSIS. *Obra completa, em quatro volumes: volume 1*, p. 657.

12 NUNES. *No tempo do niilismo e outros ensaios*, p. 132.

13 DIXON. *O chocalho de Brás Cubas*, p. 102.

Enquanto membro da Comissão Científica dos Exames à qual o Ministério Real permitiu que me associasse, pude constatar que a ignorância das pessoas que vêm buscar um certificado para entrar na Universidade passa por todos os graus possíveis e que, por vezes, a preparação que seria preciso organizar para o número mais ou menos consideráveis de sujeitos dessa espécie deveria começar pela ortografia de sua própria língua natal. Dado que ao mesmo tempo sou professor nesta Universidade, não posso evitar estar assustado, tanto por mim quanto por meus colegas; notadamente quando penso que estamos destinados a ensinar tais pessoas e que somos supostamente os responsáveis se, apesar dos esforços que lhe são consagrados, o fim almejado pelas universidades não é atingido: ora, essa finalidade quer que não somente cumpramos com a formação profissional das pessoas que deixam a Universidade, mas que tenhamos ainda formado seu espírito<sup>14</sup>.

Segundo a tradição da *Bildung* alemã “o horizonte intelectual de um povo tem como índice o grau de desenvolvimento do estudo de sua própria língua”<sup>15</sup>. Assim, uma reforma da cultura deveria passar por uma reforma da atitude para com a língua materna. A preocupação de Hegel com o estudo da língua será retomada pelo filólogo Nietzsche em sua segunda conferência da série sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino, onde defende a máxima “Tomem sua língua a sério!”.

Em 1851, Arthur Schopenhauer, antagonista de Hegel e antecessor de Nietzsche e Machado de Assis, publica o ensaio *Sobre a Filosofia Universitária*, em que assume o papel de crítico da forma de se conceber e praticar a filosofia nas universidades e ridiculariza os filósofos Fichte, Schelling e Hegel, em razão de serem os principais representantes da filosofia universitária.

Na Prússia da época havia uma nova função social do intelectual. Era comum que filósofos e cientistas ocupassem cargos importantes na administração das instituições de ensino. Hegel, por exemplo, foi nomeado reitor da Universidade de Berlim entre 1829 e 1830, enquanto Fichte ocupou o mesmo cargo entre 1811 e 1812. Que alguns dos principais pensadores do período tenham trabalhado como burocratas é significativo.

Segundo Schopenhauer, o Estado, ao promover e subsidiar o ensino e a pesquisa nas universidades submete a Filosofia aos seus interesses. Era constante e autoritária a intervenção reguladora do Estado, que administrava e financiava a Universidade de modo a atender a demanda do mercado:

[...] no cume, ignorância irmanada com sem-vergonhice; no lugar do mérito, camaradagem; completa desordem de todos os conceitos fundamentais; total desorientação e desorganização da filosofia; cabeças banais como reformadores da religião; audaz entrada em cena do materialismo e do bestialismo; desconhecimento das línguas antigas e mutilação da própria pelo corte desmiolado da palavra e da mesquinha enumeração das letras segundo o critério pessoal dos ignorantes e dos cabeças ocas etc. etc. – basta olhar em torno de vós!<sup>16</sup>

14 HEGEL. *O Nó Górdio*, p. 14.

15 BRITTO. *Analytica*, p. 167.

16 SCHOPENHAUER. *Sobre a Filosofia Universitária*, p. 61.

O filósofo de Frankfurt, em seu diagnóstico sobre a situação da educação nas universidades alemãs, afirma que os “filósofos de cátedra”, obrigados a pensar com hora marcada, usam de seu prestígio e influência para praticar uma “filosofia mercenária” e legitimar o *status quo*, reproduzindo e alimentando a estrutura estabelecida pelas estruturas coercitivas da religião oficial dogmática, do capital financeiro e do Estado. Em *O mundo como vontade e representação*, o autor afirma que a filosofia, decaída a ganha-pão, degenera-se em instrumento do Estado:

Se por um lado os governos transformam a filosofia num meio para seus fins estatais, por outro os eruditos vêem no professorado filosófico um ganho que os nutre como qualquer outro, portanto, acotovelam-se em torno do governo sob a proteção da boa maneira de pensar, vale dizer, a intenção de servir àqueles fins<sup>17</sup>.

De acordo com Oswaldo Giacoia Junior<sup>18</sup>, Schopenhauer representou para Nietzsche o modelo do educador autêntico, como o espírito livre e rebelde, que denunciou a vaidade dissimulada sob a pompa dos rituais acadêmicos, que obstinadamente se recusou a macular a dignidade da filosofia, que não se submeteu a Estado nem Igreja, nem a qualquer dos outros poderes estabelecidos.

Em 1872 o jovem Nietzsche, influenciado por Schopenhauer, proferiu cinco conferências na Sociedade Acadêmica da Basileia, em que analisou as instituições de ensino alemãs. Nietzsche aborda a interferência excessiva do Estado nos assuntos da cultura e as contradições entre os objetivos das instituições para a cultura e das instituições para a sobrevivência

Ele constata que a estrutura burocrática do Estado, responsável pela gestão e financiamento das universidades, tem nessas um instrumento para a formação de dóceis e obedientes “funcionários utilizáveis”, através de um ensino que teria como metas a massificação e o enfraquecimento da cultura.

Nietzsche mostra que os filisteus da cultura – funcionários incultos e obedientes, estritos cumpridores da lei – ao ocuparem lugar de prestígio nos estabelecimentos de ensino, abandonam a formação humanista e em seu lugar impõem uma formação cientificista e instrumental em que predominam o excesso de história e memória, a cultura livresca, a separação entre corpo e espírito. O resultado é um corporativismo estéril.

O jovem professor afirma haverem duas tendências “pedagógicas” nas instituições de ensino alemãs de sua época: (1) a tendência à ampliação máxima da cultura, isto é, sua massificação; (2) a redução e o enfraquecimento da cultura atendendo aos interesses do Estado e do capital. Em ambas a filosofia universitária representa a destruição da autêntica filosofia.

No âmbito das instituições formativas haveria uma relação conflituosa entre a formação (*Bildung*) e a burocracia institucional, o que se reflete no caráter burocrático e opressivo da função docente. Nesse contexto, havia uma subordinação clara do corpo discente ao corpo docente, o que orientou a tradição magisterial alemã e motivou Nietzsche a elaborar uma crítica do professorado como obstáculo à formação dos estudantes. Segundo Nietzsche, o aluno estaria ligado à Universidade

17 SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e representação*, p. 29.

18 Cf. GIACÓIA JUNIOR. *Dois pontos*, p. 85.

através dos ouvidos, limitando-se a uma escuta passiva e obediente:

Quando um estrangeiro vem conhecer o sistema das nossas Universidades, ele pergunta primeiro com insistência: ‘De que modo o estudante está ligado à Universidade?’ Nós respondemos: ‘Pelo ouvido, como ouvinte’. O estrangeiro se espanta: ‘Somente através dos ouvidos?’, pergunta ele novamente. – ‘Somente através dos ouvidos’, respondemos novamente. O estudante escuta<sup>19</sup>.

O estudante era obrigado a escutar o “filisteu da cultura”, expressão usada na época para designar o tipo de homem desprovido de sensibilidade estética, ignorante quanto ao valor e ao poder transfigurador da arte, e que, em conseqüência, se caracterizava pelo consumismo dos bens culturais da moda. Por conseguinte, os filósofos universitários seriam os responsáveis pela degeneração do pensamento filosófico: “Como? Vocês temem que o filósofo os impeça de filosofar? Eis que isto pode mesmo ocorrer, e vocês não o experimentaram ainda? Não tiveram a experiência disso na sua Universidade? Não ouviram, enfim, aulas de filosofia?”<sup>20</sup>.

Embora Nietzsche e Schopenhauer discutam sobre os estabelecimentos de ensino alemães, as tendências que determinaram os caminhos da educação na Alemanha são semelhantes às que definiram a organização dos sistemas de ensino em outros países. Mas a situação brasileira era muito distinta.

Segundo o historiador José Murilo de Carvalho<sup>21</sup>, no ano em que Nietzsche pronunciou suas conferências, apenas 16% da população brasileira era alfabetizada e não existiam universidades no Brasil, apenas faculdades no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco. Contudo, afirma Gilberto Freyre, do reinado de Pedro II até o início da República a sociedade brasileira presenciou a ascensão “[...] de uma nova nobreza: a dos doutores e bacharéis”<sup>22</sup>. É que as famílias mais abastadas enviavam seus filhos para estudar na Europa. Machado de Assis ironiza a pseudocultura de certos bacharéis através do personagem Brás Cubas, que relata sua passagem pela Universidade de Coimbra.

A Universidade esperava-me com suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, - principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande fama de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade<sup>23</sup>.

19 NIETZSCHE. *Escritos sobre educação*, p. 125.

20 NIETZSCHE. *Escritos sobre educação*, p. 57.

21 Cf. CARVALHO. *Cidadania no Brasil*.

22 FREYRE. *Sobrados e Mucambos*, p. 1215.

23 ASSIS. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 1, p. 654.

Brás Cubas não foi para a universidade em busca de conhecimento. Estudar na Europa foi um pretexto que Bento Cubas, o pai, encontrou para afastar o filho da prostituta Marcela, com quem ele se relacionou “durante quinze meses e onze contos de réis”<sup>24</sup>.

Sobressaltado com a desmedida do filho, Bento o enviou para estudar na Universidade de Coimbra, destino previsível, visto que esta instituição era uma das mais procuradas pela elite brasileira dos séculos XVIII e XIX: “Ao mandar o estudar em Coimbra, o pai do protagonista segue uma tradição muito consagrada na elite brasileira. Estudar em Coimbra é um sinal da importância da família”<sup>25</sup>. José Murilo de Carvalho confirma: “Os brasileiros que quisessem, e pudessem, seguir curso superior tinham que viajar a Portugal, sobretudo a Coimbra. Entre 1772 e 1872 passaram pela Universidade de Coimbra 1242 estudantes brasileiros”<sup>26</sup>.

Em Portugal, o brasileiro Brás Cubas foi um acadêmico estróina e superficial, mais afeito às festas do que aos estudos, enquanto Janjão, no Brasil, aprende o ofício de medalhão. Na Alemanha da época, os estudantes universitários, coagidos pelo discurso autoritário dos professores (que por sua vez deviam obediência ao Estado), limitavam-se a ouvir, repetir e obedecer.

O Estado, assumindo a posição de “estrela-guia da cultura”, restringia a liberdade da comunidade acadêmica, convertendo a universidade em meio de satisfazer as necessidades básicas da vida: diploma, emprego e dinheiro. Em decorrência disso, a própria filosofia foi banida da universidade, afirmam em uníssono Schopenhauer e Nietzsche. Machado de Assis, por sua vez, ironizou o banimento da Filosofia no Brasil. No conto “Teoria do Medalhão” pai e filho conversam:

— Nenhuma filosofia?

— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que debes empregar com freqüência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc<sup>27</sup>.

Schopenhauer, Nietzsche e Machado foram *outsiders*. Os dois filósofos, por não terem feito concessões à aridez da rotina acadêmica, recusando o modo de vida dos filisteus da cultura e insistindo no apelo à autenticidade, fracassaram em suas carreiras de professores universitários. Machado de Assis, neto de escravo, nunca freqüentou uma universidade, tendo formação autodidata. Mas seus exemplos de vida não implicam que tenhamos que sair do meio acadêmico para fazer sua crítica.

Gostaria de deixar claro que estou plenamente ciente das diferenças incontornáveis entre certos aspectos dos modelos teóricos de Schopenhauer e de Nietzsche, assim como da ficção de Machado de Assis, tanto em relação ao conteúdo quanto à forma. Todavia, ao aproximá-los, meu propósito foi refletir sobre esta problemática que levanta várias questões atuais.

Concordo com Rosa Maria Dias quando esta diz que as teses de Nietzsche sobre a

24 CAPÍTULO XVII

25 DIXON. *O chocalho de Brás Cubas*, p. 29.

26 CARVALHO. *Cidadania no Brasil*, p. 23.

27 ASSIS. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 2, p. 275.

educação nunca foram tão atuais: “Cada vez mais, abandona-se a formação humanista, em favor de uma educação voltada para as necessidades do parque industrial”, alerta a professora<sup>28</sup>. Acrescento que o mesmo vale para as críticas de Schopenhauer e Machado de Assis. A despeito dos quase dois séculos que nos separam dos três autores, muitos dos problemas apontados por eles ainda nos dizem respeito. Elenco a seguir alguns:

1. A tendência à ampliação máxima da cultura alcançou o seu ápice com a proliferação de faculdades privadas que oferecem cursos de qualidade duvidosa;
2. O perigo da redução e enfraquecimento da cultura a partir da submissão da educação a fins alheios, de acordo com as demandas do mercado;
3. A especialização atomizante e esterilizante apresenta-se como um impedimento à atitude reflexiva;
4. A exigência de produtividade a qualquer custo, priorizando a quantidade em detrimento da qualidade, gera a proliferação de novos medalhões.

Não vou responder a essas questões. Sem procurar respostas definidas para as questões expostas, podemos tentar fazer comungar os esforços de Schopenhauer, Nietzsche e Machado de Assis para combater os grandes perigos que rondam a educação. Ao nos alertarem para as tendências que ainda hoje conduzem ao enfraquecimento da filosofia, da cultura e do sistema educacional em geral, os três autores podem nos ajudar a sair da indigente mediocridade que nos assola.

Acredito que as considerações expostas nos permitem afirmar que a leitura das obras de Schopenhauer, Nietzsche e Machado de Assis desafiam os filósofos-educadores a buscarem novas perspectivas e caminhos para uma educação emancipatória.

---

28 DIAS. *Nietzsche educador*, p. 114.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 4. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008c.

BRITTO, Fabiano de Lemos. Nietzsche, Bildung e a tradição magisterial da filologia alemã. *Analytica*. Rio de Janeiro, vol. 12 n° 1, 2008, p. 149-181.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

DIAS. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 1991.

DIXON. *O chocalho de Brás Cubas*. São Paulo: EDUSP; Nankin, 2009.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Intérpretes do Brasil, volume 02).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo; Editora 34, 2006.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Sobre o filósofo como educador em Kant e Nietzsche. *dois pontos*, Curitiba, São Carlos, vol. 2, n. 2, p.77-96, outubro, 2005.

HEGEL, G. W. F. Ao Ministério Real de Assuntos Médicos, Escolares e Eclesiásticos... Trad. Manoella Baffa. *O Nó Górdio*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 01, dezembro 2001.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. (Coleção Intérpretes do Brasil, volume 03).

JOBIM, José Luís (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli C. de M. Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

NUNES, Benedito. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia Universitária*. Trad. Márcia Lucia M. de O. Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2007.